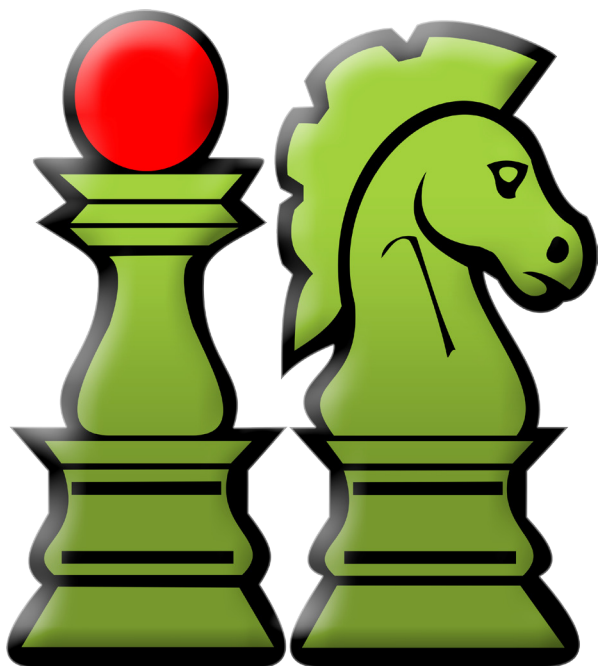




XADREZ NA REGIÃO DO MATO GRANDE: UM PROJETO EM EXPANSÃO

Desenvolvido pelo professor Francisco Quaranta, desde 2010, o projeto Xadrez na Região do Mato Grande vem colecionando títulos e conquistando adeptos. A partir deste ano, o projeto pretende atravessar, cada vez mais, os muros do Campus. Leia mais na pág. 10.



Minha Cidade



Nesta edição, conheça Taipu, uma das cidades da região do Mato Grande, localizada às margens da BR 406. São muitos os alunos, deste município, que cruzam essa estrada a caminho do IFRN. Pág.5.

Entrevistas



Nesta edição, o Jornal do Campus traz duas entrevistas: a primeira é com Israel Smith, campeão nos jogos de xadrez – pág 4; a segunda, com o professor Alexandro Vladno, coordenador do curso de Eletrotécnica – pág.9.



Opinião

E agora, José?

O Jornal do Campus chega a seu último número – pelo menos sob a regência deste professor que vos fala. De 2010 para cá, foram sete edições.

No princípio, era Milson. No princípio, era um projeto de trabalho do professor. Depois passou a projeto de extensão, com direito a dois bolsistas. Depois, alguns professores aderiram ao projeto e colaboraram, com algumas produções de seus alunos, nas primeiras edições de 2011.

Mas eis que surge uma greve. E agora, José? Interrompe-se a produção do jornal? Os bolsistas vão querer colaborar durante a greve? Decidi, conforme entendimentos com a coordenação de extensão, que o trabalho continuaria, pois, caso contrário, os meninos deixariam de receber a bolsa. Mas não foi fácil: orientar por e-mail, por telefone, apenas uma vez por semana no Campus, quando eu podia ir e os bolsistas também não faziam greve.

Conseguimos fechar uma edição após a greve, com o trabalho iniciado naquele período. Novos textos foram produzidos pelas turmas, no 3º bimestre, o que gerou matéria para mais duas edições, conforme previa o projeto.

Mais eis que a bolsa acaba. E agora, José? O bolsista não quer diagramar. Alega que não está mais recebendo o dinheiro e que, portanto, não tem obrigação nenhuma. Esquece, porém, que, durante a greve, não cumpriu todas as horas dedicadas ao projeto. Tive que lembrá-lo disso. Foi preciso “emendarmos os bigodes”, mas a 6ª edição finalmente foi diagramada.

Além disso, a bolsista passa no vestibular. E agora, José? Ela se afasta da revisão. Quem irá te ajudar? Voltarás a cuidar de tudo sozinho, como começaste? Certamente. Não foste tu que inventaste? Agora aguenta.

— Bem feito – diria o professor João Maria – Quem mandou procurar mais trabalho?

Houve quem reclamasse que o jornal só publicava textos da autoria de meus alunos. Ora, quando se abria o espaço para que outros produzissem, ninguém queria fazê-lo. Foi assim, por exemplo, quando divulguei que estava recebendo artigos de opinião para a 6ª edição. Finalizado o prazo estipulado, ninguém me enviou um parágrafo sequer. Solução: tive que recorrer a um aluno meu

para escrever o artigo. É por essas e outras que sobressaem os textos dos meus alunos. Só pode!

Durante esse período, fui senhor de escravos. Sim! Não pasmem. É que os bolsistas assim se consideravam. Diziam eles, e alguns colegas deles, que eu os explorava. Mas enfim se libertaram do meu jugo.

É muito bom ver o exemplar do jornal já pronto, circulando. Para publicá-lo, porém, são muitas as agruras do editor. Às vezes, os textos estão prontos, mas eis que falta o Corel Draw para diagramar. Não tem a versão original do programa. Lúri me salvou muitas vezes, salvando o bendito Corel aqui e ali, nesse ou naquele computador. Mas eis que o programa expirou. Só valia por 15 dias. E agora, José? Chama o técnico novamente, instala em outro computador. Ah, mas aí o expediente acabou. A noite chegou. A sala fechou.

— Vão fazer reforma ali naquela sala e vai demorar.

— Jeeeesus!!!! Vamos colocar no laboratório!

— Mas lá os professores vão dar aula.

Procura-se outro lugar. E o tempo vai passando. E a edição atrasando.

— Agora está bom. Podemos colocar num computador da biblioteca.

Mais eis que chega o bolsista.

— Tem aluno lá usando o computador em que o programa foi instalado... Vai lá pedir para sair.

— Eu vou. Conversando é que se entende.

É assim a gente vai levando. Para conseguir publicar mais este número, não foi brinquedo não. Fiquei sozinho no escuro. Tudo voltou a ser como era no princípio: apenas Milson. Ou seria José? Ou ainda Zezinho, como dizem alguns meninos do 1º C em Informática.

E agora, José? Vai se entregar? Não, José. Você não desiste. Você é duro, José! E aqui está mais uma edição do Jornal do Campus.

Meus agradecimentos aos que contribuíram para que todas as edições se tornassem possíveis – alunos, bolsistas, servidores – e aos leitores em geral. E agora, José? É o fim?

Quem sabe? Aos que ficam, cabe a decisão de continuar ou não. Estou a caminho de São Gonçalo do Amarante. Caso encontre terreno fértil, o projeto Jornal do Campus poderá fincar raízes em terras de Dona Militana.

José Milson dos Santos

EXPEDIENTE

JORNAL DO CAMPUS

Publicação dos alunos do IFRN - Campus João Câmara.

Endereço: BR 406, Perímetro rural do município de João Câmara-RN

Fone: 3262-2285

Direção Geral: Sônia Cristina Maia

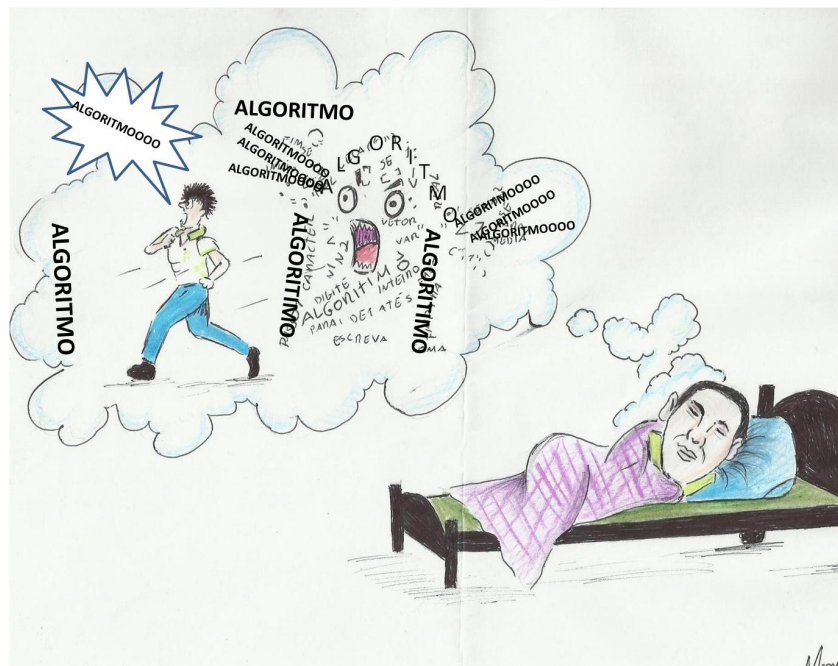
Editor Geral: Prof. Milson Santos

E-mail: milson.santos@ifrn.edu.br

Revisão: Milson Santos

Diagramação: Igor Lima

Charge



Algoritmo: que bicho é esse?

Pode não ser um bicho, mas que assusta, assusta. Talvez pela incerteza que paira sobre quem o manipula ou é manipulado por ele. SE SENAO, senao escrito assim mesmo, sem acento, só pra contrariar aqueles que preferem o português padrão. Se usarmos o SE, temos que findar com FIMSE. Não! Eu não esqueci de dar espaço! É escrito assim mesmo. Ainda tem o PARA, para ir de determinado lugar até determinado lugar faça. Quero alertar aos leitores que está escrito faça, mas leia faça. Ah! Por falar em leia, não esqueça que antes vem o escreva.

NO CASO, que também é um comando, diferentemente dos casos do cotidiano, que vêm por acaso, somos nós que escolhemos o caso, usando o ESCOLHA CASO, que, como todo caso, finda-se, e tem como palavra final não o famoso adeus, mas o FIMCASO. Caso não esteja entendendo nada, bem-vindo à turma do 5º período de Informática – EJA - do IFRN Campus João Câmara.

O algoritmo é a base para toda e qualquer Linguagem de Programação, que é compreendida pelo computador - só pelo computador, pois nós alunos não compreendemos e nem somos compreendidos quando não compreendemos. Somos vetados quando esquecemos o VETOR; caímos no LAÇO que nós mesmos armamos. E o pior é que muitas vezes é um laço dentro do outro. Então nossa nota se torna uma matriz esparsa: mais zero que outro número.

Será LOGICO ficar por INTEIRO nesse REAL CHARACTER? Se resposta = Sim, então escreva ("LÓGICO"), senão escreva ("ESTUDAR MAIS").

Livanildo Oliveira.

Aluno do 5º período do curso técnico em Informática –
EJA -2009.1

Opinião

Algoritmo: um bicho de sete cabeças?

Diariamente, podemos realizar várias atividades, desde as mais elementares às mais complexas. Algumas delas podem ser: jogar xadrez, tocar violão, resolver uma equação do segundo grau ou ler a edição deste jornal. Toda e qualquer atividade tem um propósito, porém, para atingi-lo, é necessário que seja seguida uma sequência de passos.

Considerando que uma atividade é um problema a ser resolvido, dizemos que um conjunto de operações ordenadas com o propósito de solucionar problemas, na área da Computação, é chamado de Algoritmo. De forma sintetizada, para construir um algoritmo, basta compreender o problema, pensar em como resolvê-lo, descrever a sua solução e, por fim, analisar os resultados obtidos. Mas, se para definir um conjunto ordenado de operações parece ser algo relativamente simples, por que tantos estudantes rotulam a disciplina Algoritmos como um “Bicho de Sete Cabeças”?

Segundo José Manzano, autor renomado na área de programação de computadores, para construir um algoritmo é indispensável ter o domínio da “arte de pensar”. Talvez isso seja a grande dificuldade encontrada pelos iniciantes na área de programação: saber pensar de forma lógica e ordenada. É comum encontrar estudantes de computação se deparando com situações que eles conhecem como resolvê-las, porém especificar essa resolução a partir de um conjunto de regras, muitas vezes, torna-se uma tarefa difícil.

Para estudar Algoritmos, é preciso que o estudante esteja disposto a resolver uma quantidade razoável de exercícios. Porém, percebe-se que muitos deles ao encontrarem as primeiras dificuldades, sentem-se desestimulados, deixam de realizar as atividades propostas e é, neste último momento, que nasce o “Bicho de Sete Cabeças”.

Portanto, se você deseja ser um bom programador de computadores, é preciso ter dedicação, persistência, paciência e disciplina. Estude bastante, procure professores, pesquise exemplos, troque ideias, participe de fóruns, discuta, pergunte, mas jamais se cale quando tiver dúvidas. Fazendo isso, no final, você verá que o seu esforço valeu muito a pena.

Prof. Fábio Procópio

Mestre em Engenharia Elétrica e da Computação

Entrevista

Não precisa ser um “nerd” para jogar xadrez bem

Mara Raquel & Janaina Martins



Israel Smith, com apenas 16 anos, já se encaminha para um brilhante futuro no xadrez. Em seu primeiro ano no Campus de João Câmara, o enxadrista já se destaca nesta atividade, com grandes conquistas, como o 1º lugar (Categoria sub.16) nos Jogos Intercampi 2011 do IFRN, 2º lugar no Jern's deste ano, em Natal, na categoria individual (juvenil masculino) e no II Torneio de Xadrez às Cegas, realizado no Campus João Câmara. “Penso em realizar algumas pesquisas relativas a programação de softwares de xadrez, e trabalhar em inteligência artificial”, comenta em entrevista. O projeto “Xadrez na Região do Mato Grande”, desenvolvido no Campus, coordenado e organizado pelo professor Francisco Quaranta Neto, é bem recente, mas já tem grande destaque e tem trazido grandes vitórias e títulos à equipe, que foi campeã dos jogos intercampi.

Sabemos que você já entrou no Campus com um bom preparo para o projeto de xadrez. Com quantos anos você começou a treinar?

Eu comecei a treinar xadrez aos 5 anos, com meu pai. Me interessei pelo xadrez, porque toda a minha família jogava, então eu decidi fazer parte dessa atividade.

Você tem o apoio dos seus pais neste projeto?

Sim, completamente. Meus pais me apoiam e me incentivam neste projeto. Para eles, me trará boas recompensas para o futuro. Então eles sempre me incentivaram.

Ao ganhar uma partida, há uma comemoração com sua família e amigos?

Sim, fora das competições. Durante uma partida, há um respeito em relação ao adversário, mas, ao término, cumprimentamos o adversário e vem a comemoração. Geralmente não é uma comemoração espontânea.

Para você, como foi trazer essa vitória dos jogos intercampi do IFRN, deste ano, e, junto com ela, mais uma titulação para o Campus?

Foi uma grande conquista para nós e para mim também, pois o Campus não tem muitas experiências nos jogos de competições, é o segundo ano de participação nos jogos intercampi, e nas competições em geral. Foi muito gratificante.

Como você se sente ao sair para jogar e voltar campeão?

Eu não esperava ter saído campeão da competição, afinal o campeão da edição intercampi anterior estava participando do evento. Foi extremamente emocionante, muito recompensante.

Qual é o papel do xadrez em equipe para o projeto?

O xadrez em equipe é um dos fatores que contribuem para o sucesso do projeto. Cada enxadrista contribui no exercício de sua função na equipe.

Qual é a importância do professor Quaranta no processo de acompanhamento e incentivo da equipe?

Quaranta atua como a força matriz do grupo, acompanhando e corrigindo as atitudes e jogadas indevidas.

Há um bom preparo físico e psicológico antes dos torneios? Como você se prepara?

Sim. Há um grande preparo físico e psicológico. Existe a necessidade de ter um bom preparo emocional, adquirir estabilidade para enfrentar o nervosismo durante as partidas. Geralmente faço uma caminhada, passo um tempo longe do xadrez e preparo a mente psicologicamente para pensar de forma positiva.

Você pensa em se especializar em alguma área que envolva o xadrez?

Sim, estou me preparando para alcançar o título de mestre pela Federação Internacional de Xadrez, titulação concedida aos jogadores profissionais. Tal graduação exige muita dedicação, e, portanto, muitos anos serão gastos até alcançá-la. Também penso em realizar algumas pesquisas relativas a programação de softwares de xadrez, e trabalhar em inteligência artificial.

O que você acha das pessoas que discriminam o xadrez?

Acredito que a discriminação do xadrez seja um comportamento equivocado, pois não consideram todas as qualidades e os benefícios que o xadrez pode proporcionar. Não é necessário, no entanto, não precisa ser um “nerd” para jogar xadrez bem, qualquer pessoa pode jogá-lo e, mesmo que não use o xadrez como uma carreira, ele pode ser também um meio de diversão.

Em que área dos estudos o xadrez mais contribui?

O xadrez, em si, não contribui diretamente na melhora no desempenho escolar, no entanto as habilidades que são desenvolvidas pelo xadrez são responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e acadêmico do enxadrista. O xadrez desenvolve algumas habilidades lógicas como: a abstração; a criação de hipóteses; a imaginação; a aproximação; a memória; a agilidade mental; o caráter; a competição etc.

Você recomendaria esse esporte aos seus colegas?

Sim, sem dúvidas. Com uma popularização do



desempenho escolar seria melhorado e, conseqüentemente, os problemas com aprendizado seriam reduzidos, em virtude da aquisição das habilidades às quais já me referi.

TAIPU: TERRA DO PAPAGAIO

Alessandro Silva, Diego Costa, Alana Laysla, Alaíde Lima

Em toda cidade há alguma curiosidade. Ceará - Mirim é conhecida como a cidade dos cornos; João Câmara, por seus abalos; Natal, é a noiva do sol (segundo Câmara Cascudo). Com Taipu, não seria diferente: a cidade é intitulada "Terra do Papagaio, ou Louro", mesmo não havendo essas aves na região.

Mas esse apelido é devido à lenda do papagaio, que ao longo do tempo percorreu gerações, enriquecendo a cultura da cidade e ganhando diversas versões, que trouxeram fama à cidade, pois a partir de episódios marcantes (alguns vivos apenas na memória de quem os vivenciou) e muitos outros fatos relacionados à lenda, essa terra ganhou fama perante a denominação de papagaio, então as pessoas passaram a utilizar essa imagem como símbolo do município.

Gumercindo Saraiva nos fala, no livro "Lendas do Brasil", sobre essa lenda que perdura até os nossos dias e jamais será esquecida. Diz Gumercindo que logo depois da inauguração da Estrada de Ferro Central, em 1907, surgiram rixas, em virtude dos insultos dos ceará-mirinenses contra os taipuenses, e daí o surgimento da expressão "Terra do Papagaio", que por sinal é a versão mais conhecida entre nós, apenas com algumas modificações.

A LENDA DO PAPAGAIO



Símbolo de Taipu

Contam que depois de uma cheia, quando se viam pedaços de paus, cercas, restos de casas, móveis, animais mortos, ao longe foi visto um galho de árvore e, junto a ele, um papagaio. Toda a vila reuniu-se para salvá-lo, tiraram-no d'água, enxugaram-no e deram de comer ao pobre bichinho, que muito perguntou que terra era aquela. Alguém respondeu que era Taipu e que não se preocupasse, pois ele

estava em casa. Foi aí que, para surpresa de todos, o papagaio bateu as asas e, num forte grito, ordenou que o colocassem de volta na água, pois não queria ficar naquela terra atrasada, voando para a correnteza, que aumentava naquele momento. E, em sua despedida, ainda falou: "Antes uma boa morte afogado do que ficar por aqui".

Para que a piadinha sem graça, contada por muitos, deixasse de perturbar, a população passou a usar o papagaio como símbolo do município. Durante esses anos, Taipu já contou com um jornal chamado O Papagaio, fazenda com nome Papagaio, um bloco carnavalesco de nome Papagaios na Folia e, até mesmo, uma boate, que também se chamou Papagaio. Com o passar do tempo, a população deixou de se incomodar com essas piadas, o tempo passou, mas a tradição ficou e, orgulhosamente, ainda não se esqueceram de dizer: ME DÊ O PÉ, MEU LOURO.

Versões sobre essa lenda fluíram no decorrer dos anos entre os habitantes locais e conhecedores dessa história (muitas vezes usada como piada). Não se sabe ao certo qual é a verdadeira versão.

Há quem diga que o apelido também pode vir do fato de os taipuenses falarem demais. O poeta taipuense Luiz Viana, por exemplo, em seu livro "Temas e Reflexões", ao falar da "Buraca" (rio que passa ao fundo de quintais ribeirinhos) afirma: *"Situada entre os rios e os quintais, tinha todas as aparências de confidências*

violadas, onde se sabia tudo que se passava e o que estaria para acontecer na terra, apelidada, talvez por isso mesmo, de papagaios!"

Outra versão, para Terra do Papagaio é a que conta a seguinte história: um caixeiro viajante vinha de Natal em direção a Macau, no trem. O homem estava com o dedo ferido e amarrado por uma tipóia. Como dóia muito, resolveu colocá-lo fora da janela com o objetivo de aliviar a dor. Ao passar por Taipu, um vendedor de rolete de cana, pensando que o caixeiro estava pedindo o pé, passou o facão no dedo doente do viajante, e ainda disse que aquilo era para ele nunca mais pedir o pé a ninguém e que, da próxima vez, cortava-lhe o braço.

ME DÊ O PÉ, MEU LOURO



Símbolo da Cidade: O Louro

"Muitas foram as piadas que nós, aqui de Taipu, ouvimos por causa desse bendito papagaio, mas eu nem me importava, achava até engraçado", disse o morador Fernando Lima.

"Havia também um pouco de rixa com o pessoal do interior", afirmou a dona de casa Célia Queiroz.

"Quando alguém do interior ia para cidade, sempre soltava alguma piada", afirmou o morador do distrito do Ingá, Manoel Felipe.

"É até bom para a cidade poder ficar mais conhecida, quando fala em Taipu você logo lembra: 'Terra do papagaio', disse a moradora da cidade, Francisca Calixto.

"Os mais velhos contam essa história para os filhos, netos e assim por diante, não deixando a lenda morrer," afirmou Aldenir Marques, comerciante.

"Ainda lembro do tempo em que as pessoas passavam com o dedo estendido, pedindo o pé", falou o professor Joaquim Alves.

"Tenho orgulho de dizer que sou da 'Terra do Papagaio',

A LENDA DO PAPAGAIO

Contam que depois de uma cheia, quando se viam pedaços de paus, cercas, restos de casas, móveis, animais mortos, ao longe foi visto um galho de árvore e, junto a ele, um papagaio. Toda a vila reuniu-se para salvá-lo, tiraram-no d'água, enxugaram-no e deram de comer ao pobre bichinho, que muito perguntou que terra era aquela. Alguém respondeu que era Taipu e que não se preocupasse, pois ele estava em casa. Foi aí que, para surpresa de todos, o papagaio bateu as asas e, num forte grito, ordenou que o colocassem de volta na água, pois não queria ficar naquela terra atrasada, voando para a correnteza, que aumentava naquele momento. E, em sua despedida, ainda falou: "Antes uma boa morte afogado do que ficar por aqui".

Para que a piadinha sem graça, contada por muitos, deixasse de perturbar, a população passou a usar o papagaio como símbolo do município. Durante esses anos, Taipu já contou com um jornal chamado O Papagaio, fazenda com nome Papagaio, um bloco carnavalesco de nome Papagaios na Folia e, até mesmo, uma boate, que também se chamou Papagaio. Com o passar do tempo, a população deixou de se incomodar com essas piadas, o tempo passou, mas a tradição ficou e, orgulhosamente, ainda não se esqueceram de dizer: ME DÊ O PÉ, MEU LOURO.

Versões sobre essa lenda fluíram no decorrer dos anos entre os habitantes locais e conhecedores dessa história (muitas vezes usada como piada). Não se sabe ao certo qual é a verdadeira versão.



Vista aérea da cidade

entre os rios e os quintais, tinha todas as aparências de confidências violadas, onde se sabia tudo que se passava e o que estaria para acontecer na terra, apelidada, talvez por isso mesmo, de papagaios!"

Outra versão, para Terra do Papagaio é a que conta a seguinte história: um caixeiro viajante vinha de Natal em direção a Macau, no trem. O homem estava com o dedo ferido e amarrado por uma tipóia. Como doía muito, resolveu colocá-lo fora da janela com o objetivo de aliviar a dor. Ao passar por Taipu, um vendedor de rolete de cana, pensando que o caixeiro estava pedindo o pé, passou o facão no dedo doente do viajante, e ainda disse que aquilo era para ele nunca mais pedir o pé a ninguém e que, da próxima vez, cortava-lhe o braço.

ME DÊ O PÉ, MEU LOURO

"Muitas foram as piadas que nós, aqui de Taipu, ouvimos por causa desse bendito papagaio, mas eu nem me importava, achava até engraçado", disse o morador

Fernando Lima.

"Havia também um pouco de rixa com o pessoal do interior", afirmou a dona de casa Célia Queiroz.

"Quando alguém do interior ia para cidade, sempre soltava alguma piada", afirmou o morador do distrito do Ingá, Manoel Felipe.

"É até bom para a cidade poder ficar mais conhecida, quando fala em Taipu você logo lembra: "Terra do papagaio", disse a moradora da cidade, Francisca Calixto.

"Os mais velhos contam essa história para os filhos, netos e assim por diante, não deixando a lenda morrer," afirmou Aldenir Marques, comerciante.

"Ainda lembro do tempo em que as pessoas passavam com o dedo estendido, pedindo o pé", falou o professor Joaquim Alves.

"Tenho orgulho de dizer que sou da "Terra do Papagaio", disse o vendedor José Emanuel.

Os taipuenses têm muito o que contar, principalmente as pessoas de mais idade, que habitavam o município e vivenciaram aqueles momentos. São essas pessoas que mantêm a lenda viva. Hoje em dia, após ter conquistado seu espaço, a lenda não é mais tão comentada. Mas ainda assim, quando se toca no assunto, todos querem saber um pouco mais, e aí não tem idade ou geração que fique de fora dessa discussão.

Mas além dessas histórias que consagraram o município, ele também possui belezas e demais aspectos capazes de conquistar os visitantes, talvez a uma única visita, ou até mesmo a um simples olhar, daquele que vem de dentro da gente e pede calma à pressa; e, ao cansaço, descanso. O povo traz em seu sorriso a grandiosidade digna de gente simples e a riqueza farta da humildade.

A cidade é feita com muita nobreza a cada canto e muitos cantos a cada rua, vista apenas ao olho do verdadeiro taipuense. Taipu pede espaço, e este, ao pedido atendendo, permite que a cidade conquiste cada vez mais lugar no tempo. Conhecer essa região que se deixa reger por seu povo é uma verdadeira volta ao passado. Uma ida inesquecível ao subconsciente de toda uma cultura. Então é aqui onde se dá o início dessa fascinante viagem.



"Serra" de Serra Pelada



Tecada apresentando-se na praça

ASPECTOS GERAIS

As histórias sobre essa terra se passaram em apenas 353km² de área, talvez por isso, não conseguindo

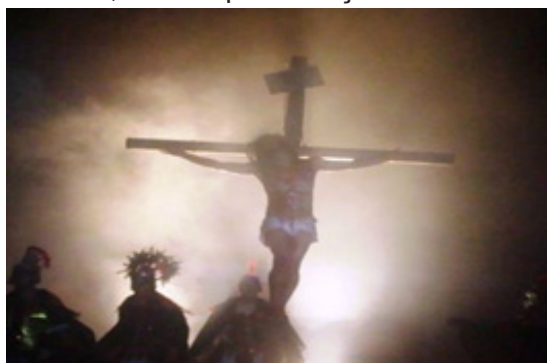
imaginar, ou até ir mais além. “Um homem sem cultura é um homem morto, um homem que tem cultura pode viver até cem anos”, diz Fabiano Nogueira, coordenador



Grupo Batucada tocando nas ruas de Taipu

do grupo Tecada, ao falar sobre o valor que ela tem para cada um de nós.

Um dos eventos que chama a atenção do taipuense é “A Paixão de Cristo: a criação do mundo e um homem”, uma apresentação teatral de grande



Encenação da Paixão de Cristo

porte que vem nos envolver com toda a sua emoção na semana santa, e já está em seu quinto ano. Também é totalmente produzida por Fabiano, que mantém seu cuidadoso olhar na peça, pois tem a missão quase impossível de remontar a mesma história sem deixar o tom de mesmice. Toda essa produção merece destaque, pois é a única do estado a usar cavalaria de verdade em sua apresentação e não deixa nem um pouco a desejar em seus demais aspectos. Os ensaios ocorrem ao longo de oito meses. Nessa época, o espaço utilizado pelo Tecada passa a se chamar “Barracão de Cristo”, que funciona como se fosse o barracão de uma escola de samba.



Cavalaria da Paixão de Cristo

SEXTA-FEIRA DA CULTURA

Não se pode, hoje em dia, falar de projetos culturais em Taipu sem lembrar a Sexta-Feira da Cultura, também idealizada por Fabiano Nogueira. Um grande evento cultural, que ocorre toda primeira sexta-feira do mês, proporcionado pela cidade a seus moradores e aos de cidades vizinhas. Esse projeto é a culminância

dos demais. Lá ocorre o encontro das diferentes características de cada cultura, fundindo-se numa só, a do povo taipuense, ou melhor, a da Terra do Papagaio.

Nesse evento, o artesão pode mostrar seu trabalho, assim como a cozinheira pode exhibir as comidas típicas da nossa terra, e o capoeirista pode conquistar a admiração de todos com sua técnica e habilidade, além do teatro, que tem o seu lugar reservado. Os shows com bandas também são marca registrada, e são realizados com artistas locais e de fora da cidade. “É bom ter a sexta da cultura, porque dá para tirar um dinheirinho a mais para o mês”, diz Luiz Cláudio, dono de uma barraca de comidas. Sendo assim, o evento, além de proporcionar fama ao município, acaba sendo uma fonte de renda para as famílias que dele dependem.



Tecada apresenta-se na Sexta da Cultura

FESTAS TRADICIONAIS

Em toda sua tradição, a cidade sempre trouxe consigo algumas festas que, de tanto se repetirem, estão juntas a ela e a acompanham desde muito cedo, fazendo com que cada uma delas se tornassem um marco em sua história, pois todo taipuense tem algo para contar sobre a Festa de Reis, por exemplo, que se comemora no dia 5 de janeiro, trazendo em sua programação grandes bandas que, junto ao público, fazem desse um grande evento.

Também há a festa da padroeira, quando fiéis mostram toda a sua devoção a Nossa Senhora do Livramento, padroeira da cidade. E a festa que acompanha Taipu desde sua emancipação política é a festa 10 de março, em que se comemora o aniversário da cidade: acontece o dia todo e tem, em sua programação, a Cavalcada da Emancipação, com largada em um distrito diferente a cada ano, sempre finalizando na sede. À noite, ocorre show musical com entrada franca para seus moradores, sendo que durante o dia há vários outros eventos na programação, como as corridas de jegue e cavalo; a maratona, nas modalidades infantil e adulto; corrida de bicicleta; bolo com vários metros de comprimento (agora retirado, mas deixando sua marca), dentre outros. É assim que Taipu pretende manter sua tradição viva, apostando na presença de um povo que mantenha em sua memória o que vivencia.



Largada da Cavalcada da Emancipação

EDUCAÇÃO

Existe pelo menos uma escola municipal em cada distrito, atendendo aos alunos de 1º ao 5º ano, para que as crianças não tenham que ir estudar tão novos



na sede do município. Quando os alunos passam para o 6º ano, estudam em alguma das 3 escolas de ensino fundamental na sede, mas a maior parte desses alunos da zona rural é matriculada na Escola Municipal Presidente Tancredo de Almeida Neves. Eles são transportados em ônibus que saem de suas respectivas localidades.

A Escola Tancredo Neves, como é mais conhecida, recebe 657 alunos divididos em três turnos de funcionamento. A maioria desses alunos vem da zona rural e estuda no período da tarde (13h às 17h). Pode-se dizer que o “Tancredo” é a melhor escola de ensino fundamental do município, a escola tem o quadro de professores completo, a maior parte deles com nível superior. Ao todo são 60 funcionários. “A educação melhorou consideravelmente. Se formos comparar com a de antigamente, a melhora foi enorme, pois hoje, além de professores qualificados, temos escolas com mais estrutura”, declarou a secretária de educação, Maria da Conceição Câmara de Melo.

A CHEGADA DO IFRN À REGIÃO

Podemos dizer que a educação da região do Mato Grande deu um grande salto com a chegada do IFRN - Campus João Câmara, pois muitos alunos tinham o pequeno pensamento de apenas terminar o ensino médio. Agora, com a chegada da escola técnica, além de concluir o ensino médio, como desejado, eles também podem escolher um curso técnico para se profissionalizar (Técnico Integrado ou Subsequente), e terem uma formação acadêmica de qualidade e, sem dúvida, com mais chances no mercado de trabalho.

Com isso, a Secretaria de Educação de Taipu se sentiu na obrigação de incentivar os alunos do 9º ano e do ensino médio, oferecendo a eles aulas de Português e Matemática, durante a noite, horário de maior acesso, para poder prepará-los, fazendo com que eles se tornem capazes de fazer uma boa prova de seleção. “As aulas ajudam muito aos alunos, mas o problema está na escola de origem, onde eles não têm todas as aulas e acabam sendo prejudicados”, disse a professora de Português, Regilma Maria.

Hoje são 20 alunos estudando em João Câmara, mas já temos mais 3 aprovados no Proitec (Programa de Iniciação Tecnológica) esperando pelo início do ano letivo de 2012. “Espero me surpreender com o ensino dos professores, e depois me surpreender com os meus resultados”, disse o mais recente aluno do IF, Ulisses Neto. Ana Paula, também aprovada no Proitec, complementa: “Espero que ultrapasse todas as minhas expectativas, e que eu possa progredir cada vez mais”. E a expectativa é de termos mais alunos ingressando no exame de seleção.

Quanto aos alunos que lá já estão, podemos dizer que eles estão tendo uma oportunidade única de estudar em uma escola técnica de alto nível. De 2009 até hoje, já foram 20 alunos aprovados para os cursos de Informática e Cooperativismo. “Até agora eu estou gostando do curso, já aprendi bastante coisa. Terminaria o ensino médio este ano, mas decidi começar de novo no IF por ser uma ótima escola e por causa do currículo”, disse a aluna do 1º ano C de Informática, Janaína Martins, que já estava no segundo ano em uma escola estadual, mas voltou ao primeiro, agora no IF. Outros já

com o 2º ano completo, mesmo assim optaram por tentar uma vaga na escola técnica, como é o caso de Rafael Vieira, aluno do 2º ano A de Informática. “Informática é um curso muito importante e ajuda no cotidiano, e há várias oportunidades de emprego. Decidi voltar para o primeiro ano, porque será um ensino médio de qualidade e mais expectativa”.

Se voltar do segundo ano já é uma grande coragem, imagine voltar do terceiro. Situação em que se encontrou Anieda Melo, aluna de Cooperativismo 1º ano B. “A escolha de ter retornado ao ensino médio, embora já o tenha concluído, foi por ter o sonho de fazer faculdade. Recomeçar no IFRN está sendo um preparatório para o futuro”, afirmou a aluna, sem arrependimentos.

O transporte para eles foi doado pela prefeitura, que cedeu este ano um micro-ônibus, devido ao aumento do número de estudantes, pois, no ano anterior, o transporte que fazia a linha Taipu-João Câmara era uma kombi que transportava 12 alunos.



Alunos indo para o IFRN - Campus João Câmara

ARTISTAS DA TERRA

Música

Em Taipu, há sementes espalhadas por toda parte, algumas delas se desenvolvem e geram frutos que podem marcar toda uma época. Foi então que, entre uma semente e outra, destacou-se Sebastião Barros (K-Ximbinho), o compositor e instrumentista taipuense que, até o ano de 1980, encantou o Brasil com o choro, ritmo em que teve sua primeira, e mais conhecida, composição gravada. A música *Sonoroso*.



Sebastião Barros

Com grandes feitos ao longo de sua vida, o músico tocou em lugares ilustres da época, como a boate *Night and Day* e já foi até Orquestrador da TV Globo. Chegou também a classificar-se em primeiro lugar em um concurso da Bandeirantes, com sua última composição, *Manda Brasa*. Seu último LP, *Saudades de um Clarinete*, veio como uma forma de matar a saudade desse fascinante artista, que deixou, em suas composições, toda a poesia de um homem que usou a música como

música como meio de demonstrar o talento de conquistar, que o taipuense possui no sangue.



Mequinho

José Américo de Carvalho e Silva, também professor de História, começou na música aos oito anos. Depois de um ano e meio, começou a desenvolver seu talento. Em 1970, já tocava na igreja com seu tio. Mequinho, como é mais conhecido, toca violão (há 42 anos), teclado e cavaquinho. Compôs também músicas para a igreja. Na década de 70, participou de um festival de música com um amigo na antiga ETFERN, no qual ficaram em terceiro lugar. Seus filhos, Allan Victor, que já compôs mais de 400 músicas, além de ser vocalista, e “Dandão” instrumentista, fazem parte da banda Voltz-F5 (energia atualizada), junto ao baterista Thales Mirtes. A banda, com mais de 80 composições, gravou um CD experimental ao vivo, em 2009, e pretende lançar em breve um gravado em estúdio.

Na música eletrônica, destaca-se o jovem e talentoso Rael França, ou “DJ Rael Crazy”. A paixão pela música não o deixou se contentar com apenas um instrumento e hoje, aos 17 anos de idade, já toca teclado, violino, sanfona, acordeom e guitarra base. O rapaz tem um verdadeiro dom, que está em fase de desenvolvimento, contribuindo, assim, para a cultura artística de Taipu.

Literatura

Os escritores taipuenses, em suas obras, procuram valorizar os acontecimentos da cidade de Taipu, em toda a sua história, e marcas de um tempo que não voltará, mas que, através da leitura, podemos conhecê-los.

Um deles é o escritor Antônio Saldanha, autor de “Taipu, Minha Cidade, Minha Saudade” (1995) e “Fala Taipu” (2006). Mesmo não sendo livros históricos, falam muito da cidade, levando à população mais conhecimento sobre a sua terra.

Autores como Luiz Viana, que escreveu o livro “Temas e Reflexões”, e Manoel Nazareno Nogueira de Araújo, escritor do livro “Taipu”, também deixaram seu conhecimento sobre a cidade cravado em cada uma de suas palavras, fortalecendo a sua história.



Bibi Saldanha

Entrevista

Eletrotécnica no Campus

Juliana Menezes & Livia Lopes

Graduado em Engenharia Elétrica, mestre em Engenharia de Produção e fazendo Doutorado em Engenharia



Alexandro Vladno

Elétrica, o professor **Alexandro Vladno da Rocha**, que atualmente atua no curso de Informática do IFRN - Campus João Câmara, tem empenhado esforços, nos últimos meses, para a implantação do curso técnico em Eletrotécnica e o tecnólogo em Energias Renováveis no referido Campus. Nesta entrevista, ele esclarece, como está estruturado e como funcionará o curso de Eletrotécnica, que terá início em 2012.1. Enfatiza, ainda, a relevância

desses cursos para João Câmara e toda a região do Mato Grande.

O que é Eletrotécnica?

É um curso técnico de nível médio na modalidade integrado.

Como serão as aulas?

Serão práticas e teóricas. As teóricas acontecerão em salas de aula; e as práticas, nos 4 laboratórios que estarão disponíveis para atender a todos os alunos.

Quais os objetivos desse curso?

O objetivo do curso é formar profissional para atuar na área de eletrônica e eletricidade de grande potência.

Qual é a sua expectativa?

A expectativa é muito boa, pois foi um curso muito concorrido no Proltec, foram inscritos 11 alunos para cada vaga, e a ideia é que, quando esses alunos terminarem o curso, possam ir trabalhar nas indústrias de energias - uma delas, por exemplo, é a energia eólica.

Quais são os conhecimentos enfatizados nesse curso?

É grande o destaque para aulas de Matemática e Física. Durante o curso, o aluno aprenderá sobre diagramas de circuitos, eletricidade, técnicas de manutenção, gestão, entre outros conhecimentos. Dependendo da área de atuação, podem ser enfatizadas disciplinas voltadas para a instalação predial e industrial ou processos de geração de energia, assim como linhas e redes, automação e circuitos elétricos.

Onde e como um técnico em Eletrotécnica poderá atuar?

Ele pode atuar fazendo instalações elétricas em qualquer etapa do processo de geração, transmissão ou distribuição de eletricidade. Podemos verificar os efeitos de sua atuação em diversos aspectos da vida social, pois deles dependem tanto o funcionamento de uma imensa rede de distribuição de energia, sistemas de comunicação e transporte, quanto o de um equipamento médico-hospitalar, por exemplo. Os locais que mais empregam esses técnicos são as concessionárias de energia elétrica, empresas de telefonia e prestadoras de serviços de instalação e manutenção elétrica.

Que outras atividades poderão desempenhar?

Faz parte da rotina de trabalho dos técnicos em eletricidade e eletrotécnica planejar métodos e seqüências de operações para testar e desenvolver sistemas elétricos. Além disso, projetam e executam sistemas de aterramento e de proteção de descargas elétricas. Suas atribuições abrangem, também, supervisionar sistemas de geração, transmissão e distribuição de eletricidade, assim como realizar manutenções, inspecionar e testar equipamentos e estruturas, diagnosticando causas de problemas e implementando soluções para sua correção.

O que as empresas esperam do técnico em Eletrotécnica?

Que tenha espírito de liderança e saiba relacionar-se com superiores e subordinados, apresentar soluções para os desafios enfrentados no dia a dia de trabalho, além de demonstrar segurança e flexibilidade na tomada de decisões.

decisões. Espera-se, ainda, que ele saiba trabalhar em equipe, pois será necessário interagir com outras pessoas, saber ouvi-las e estar preparado para receber sugestões e críticas. Além disso, é preciso que tenha concentração e atenção ao desenvolver suas atividades, pois muitas delas são consideradas atividades de alto risco, além de calma para enfrentar situações de risco.

Esse curso já vinha sendo planejado há algum tempo?

Sim, desde o ano passado que tentamos implantar esse curso aqui, mas só este ano conseguimos apoio para implantá-lo.

Qual a remuneração média inicial oferecida no mercado de trabalho para um técnico em Eletrotécnica?

Em torno de R\$ 1.500,00, variando de empresa para empresa.

Como será o estágio desses técnicos?

Haverá estágio, os alunos terão que cumprir a carga horária de 400 horas, geralmente durante seis meses. Além do estágio, os alunos desenvolverão atividades no Campus. A ideia é que eles trabalhem, pelo menos, na região, com as energias solar e eólica.

NAS PEGADAS DO XADREZ

Milson Santos, Quaranta Neto

Desenvolver habilidades nos alunos inerentes ao exercício do xadrez, como planejamento e formulação de estratégias, memorização, visualização geométrica, controle emocional, capacidade de contagem, antecipação da estratégia do oponente, revisão contínua do plano pré-estabelecido, senso de oportunidade, respeito ao adversário, controle do tempo, tomada de decisão, capacidade de concentração. Esse é o objetivo central do projeto Xadrez na Região do Mato Grande, desenvolvido pelo professor de Matemática, Francisco Quaranta Neto, desde 2010, no Campus João Câmara. Segundo o professor, com as atividades desenvolvidas, o aluno deve aprender a usar a competitividade presente nos jogos de forma saudável, fornecendo um elemento motivador para a execução de tarefas do cotidiano com uma qualidade continuamente crescente.



Mestre Roberto Andrade joga com enxadristas do Campus

Começa o jogo

É comum encontrar alunos no ambiente escolar que possuem baixa motivação e pouco envolvimento com as disciplinas obrigatórias. É um desafio que se coloca com muita frequência aos profissionais das escolas dos dias atuais: dar sabor ao saber. Os profissionais do ensino muitas vezes questionam como conseguir o engajamento de tais alunos no processo de aprendizado.

Os jogos, em geral, conseguem atrair a atenção das pessoas, em especial dos adolescentes. O aspecto lúdico presente nesse tipo de atividade tem poder cativante para o resgate de alunos com baixa motivação.

O xadrez, um dos jogos mais antigos e populares do mundo, possui uma característica marcante: é fácil aprender a jogá-lo, mas ao mesmo tempo é muito difícil de ser jogado em alto nível. Tal propriedade o credencia como uma das ferramentas mais adequadas para aplicação no ambiente escolar. O aluno rapidamente poderá praticá-lo, mas precisará de muito envolvimento e dedicação para conseguir um alto padrão na sua performance como jogador.

O jogo de xadrez tem aspecto educativo, recreativo e instiga a competitividade. Não são poucos os

que costumam se referir ao xadrez com uma dimensão muito maior que a de um simples jogo. Atribuições como ciência, arte e esporte são frequentes entre aqueles que acompanham o universo enxadrístico.

Para praticar o xadrez com maestria, diversas habilidades precisam ser desenvolvidas pelo enxadrista: planejamento e formulação de estratégias, tomada de decisão, memorização, visualização geométrica, controle emocional, capacidade de contagem, antecipação da estratégia do oponente, concentração, senso de oportunidade, respeito ao adversário, controle do tempo. O xadrez pode funcionar como uma atividade interdisciplinar, com conexões em diversos conteúdos escolares, especialmente na matemática: noções de geometria, de contagem, de plano cartesiano e de raciocínio lógico. Tais interseções existentes podem fazer uma boa parceria entre o xadrez e a matemática.

Foi pensando nisso que o professor Francisco Quaranta planejou e iniciou as atividades com esse esporte no final de agosto de 2010, formando uma equipe com 8 participantes masculinos e 5 femininos. O próprio professor, inicialmente, comprou 20 jogos de peças e 20 tabuleiros de xadrez. O curso, que começou efetivamente em setembro do mesmo ano, com 40 pessoas, proporcionou aos seus integrantes, já no mês seguinte, a participação na Expotec, realizada no Campus de Currais Novos. Nesse evento, a equipe comandada por Quaranta conquistou 4 primeiros lugares na competição. Ao final de 2010, chegaram 40 jogos de peças e 40 relógios de xadrez. Para comemorar, a equipe organizou um torneio interno.



Equipe de Xadrez

Movendo as peças

Para início de conversa, foram ministrados dois cursos, cada um com oferta de 40 vagas. A equipe foi formada com horário fixo para treinamento – 3 horas semanais. Além disso, outras atividades faziam

parte da metodologia: produção de material didático, aulas para os iniciantes, participação em torneios externos ao Campus, como os JERN'S e os Jogos Intercampi (IFRN), por exemplo, além de torneios organizados pela própria equipe, tanto internos quanto abertos à comunidade.



Outra forma de fazer os alunos moverem as peças foi a participação em torneios promovidos pela Academia Damasceno em Natal.

As atividades foram – e são – coordenadas por um professor – Francisco Quaranta – e por dois alunos bolsistas – Anttogy Ramon e Ewerton Lima. Existe, no Campus, uma sala exclusiva para a prática do xadrez, na qual se encontram 20 mesas de xadrez, que ficam permanentemente preparadas para o jogo nos intervalos das aulas. Os bolsistas se revezam nos turnos vespertino e noturno no cuidado com a sala. Há, também, uma biblioteca em expansão, que já conta com um acervo de mais de 60 livros, incluindo os do professor Quaranta, voltados para a temática do xadrez.

Em 2011, a equipe passou a contar com um reforço de peso – o aluno Israel Smith (1º ano do curso de Informática) -, que já tinha experiência com o xadrez antes de entrar no IF. E as peças continuaram se movendo. E a equipe vai ganhando espaço e conquistando títulos.

Para Rafael Vieira, aluno que integra a equipe, o xadrez é importante porque ajuda a pensar em como agir. “Proporciona várias possibilidades de chegar a um objetivo, a um fim, que, no caso do jogo, é vencer o adversário”, afirma ele.

Xeque-mate



O técnico Quaranta e o campeão Israel

Muitos têm sido os torneios dos quais os enxadristas do Campus têm participado. Muitas também têm sido as vitórias, seja individualmente, seja por equipe. Uma das mais importantes conquistas aconteceu nos Jogos Intercampi 2011, que ocorreram em Mossoró, entre 11 e 14 de agosto. Na ocasião, o aluno Israel Smith recebeu o troféu de campeão na categoria individual, e a equipe masculina também ficou em primeiro lugar na competição. Já a equipe feminina ficou em segundo lugar.

O desempenho da equipe só tem agradado ao professor e técnico Quaranta. Os ganhos têm sido de todos. “Através desse projeto, eu evolui em diversas atividades: raciocínio lógico, melhoria de meu desempenho em outras disciplinas, como a Matemática, por exemplo. Além disso, passei a ler mais, no caso livros que tratam do xadrez, a fim de compreender melhor o jogo”, declara Ewerton Lima, aluno do curso técnico subsequente em Informática.

“Eu acho que o projeto Xadrez na Região do Mato Grande estimulou alunos dos campi a praticarem xadrez”, afirma Anttogy Ramon, aluno do 2º ano do curso de Cooperativismo e enxadrista da equipe, ao avaliar o sucesso do projeto. Segundo ele, além de prazeroso, o xadrez é também uma ciência que ajuda a desenvolver várias habilidades em seus participantes. “O projeto de xadrez abre as portas para muita gente, embora alguns deixem de aproveitar”, complementou o enxadrista.

Desempenho da Equipe

Os resultados mais expressivos da equipe de xadrez de João Câmara nos torneios de 2011 foram (em ordem cronológica do mais recente para o mais antigo):

- Vice-campeonato de Israel Smith no torneio da Academia Damasceno de 11/09/2011;
- Campeão do 12º torneio estudantil da Academia Damasceno na categoria juvenil, com Israel Smith (10/09/2011);
- Atleta que mais ganhou pontos (Ramon Souza) na edição de setembro (comparado com agosto) no rating da FNX;
- Dois participantes do projeto passaram a ter rating FIDE: Quaranta (1967) e Israel (1870);
- Classificação da equipe de JC para o Campeonato Nordestino dos IFES, em agosto, com os enxadristas Israel, Anttogy e Allyson, ao ser campeã individual (com Israel Smith) e por equipes, além do vice-campeonato feminino (Irene, Marília e Rita);
- Terceiro lugar nas Olimpíadas Escolares, em julho, com o atleta Israel Smith;
- Classificação das equipes infantil e juvenil para a etapa final dos JERN'S, em julho, com Israel, Anttogy, Ramon, Thales, Flaubert e Mateus, após serem campeãs da etapa regional (João Câmara). Além disso, a equipe foi campeã na categoria individual feminino infantil, com Irene Ginani;
- Os dois primeiros lugares no II Campeonato Nordestino de Menores, ocorrido em julho, com os atletas Israel e Ramon;
- Vice-campeonato no Campeonato Estadual sub-16, realizado em junho, com o atleta Anttogy;
- 5 medalhas no XVI Campeonato Interiorano - 32 participantes (maior equipe do campeonato);
- Os dois primeiros lugares no torneio estudantil da Academia Damasceno, realizado em abril, por meio dos atletas Israel e Anttogy.

Ampliando as jogadas

Para 2012, o projeto promete muito mais. Dois eventos importantes foram programados ainda no período letivo de 2011. O primeiro foi a simultânea oferecida pelo Mestre FIDE Roberto Andrade - a primeira não somente do Campus, mas também da cidade de João Câmara; o segundo, o I Torneio Aberto de João Câmara, será realizado no dia 03 de março.

Na simultânea, o mestre jogou contra 23 adversários de uma vez só. Ele tinha realizado outra simultânea com a equipe de Macaíba contra 50 adversários sem perder nenhuma. Já contra a equipe de João Câmara, ele perdeu três e empatou uma, ganhando as demais.

No I Torneio Aberto de João Câmara, o foco é o público local. A fim de estimular a prática na cidade de João Câmara, 4 torneios desse tipo estão previstos para 2012. A premiação contará com 10 medalhas, 3 livros e 1 troféu para o campeão. Mesmo tendo interesse no público local, esse torneio terá a participação de enxadristas de Santa Cruz, Natal, entre outros.

Além desses torneios abertos, o projeto pretende

alcançar algumas escolas da cidade de João Câmara. Para tanto, irá oferecer palestras e minicursos para os estudantes da região. Contatos preliminares com 3 escolas já foram feitos, mas novas escolas poderão ser incluídas na programação.

Este ano, a sala de xadrez ficará aberta pela manhã e à tarde, todos os dias úteis da semana. Os treinos da equipe acontecerão em dois turnos diferentes, em função da chegada do turno matutino no Campus. As

equipes que participarão dos mais de 10 torneios externos previstos para o ano serão formadas até o mês de abril. “Diferente de 2011, quando tivemos equipe completa apenas na categoria juvenil masculino, teremos este ano a equipe completa também nas categorias juvenil feminino, infantil masculino e infantil feminino”, destaca o professor Quaranta. Os interessados devem procurar a equipe e o mestre. Os treinos serão retomados na primeira semana de aulas, em abril.

Coordenação de Extensão faz balanço de projetos desenvolvidos em 2011

Em 2011, o Campus João Câmara contou com a execução de 07 projetos financiados pela Pró-reitoria de Extensão do IFRN e acompanhados pela Coordenação de Extensão do Campus João Câmara, atingindo direta ou indiretamente os públicos interno e externo. São eles: “Olimpíadas de Matemática: um estímulo para o aprendizado”, sob a coordenação do professor Emanuel Lourenço; “Xadrez na região do Mato Grande”, coordenado pelo professor Francisco Quaranta; “Grupo de Teatro do IFRN”, coordenado pela professora Rebecka Carocha; “Vida saudável na melhor idade”, que é coordenado pela professora Maria Elizabete; “É lendo e contando histórias que se formam leitores”, sob a coordenação da professora Moama Marques; “Cavernas de Jandaíra/RN na rota do Turismo”, coordenado pela professora Vera Lúcia; e o “Jornal do Campus”, coordenado pelo professor José Milson.



Enxadristas em atividade

Não se pode também deixar de citar o projeto desenvolvido pela servidora Etienne Dantas, psicóloga do Campus, o “Pró-Vida e Carreira”, o qual é desenvolvido voluntariamente, sem financiamento, trabalhando a orientação vocacional dos alunos do Instituto.

Também houve a realização do programa “Mulheres Mil”. Recebendo recursos do MEC/SETEC, ele é coordenado pelo professor Wagno Félix, sendo sua gestão modelo para os outros campi do Instituto Federal.

Dentre todos os projetos citados, destaca-se, nesta edição, o “Xadrez na Região do Mato Grande”, coordenado pelo professor Francisco Quaranta. O projeto traz em sua essência o objetivo de, a partir do jogo de xadrez, melhorar o desempenho dos alunos no aprendizado dos conteúdos ministrados em sala de aula. Outro ponto trabalhado com os participantes do projeto é a questão do respeito e da integração com o oponente ao jogar, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento de um espírito competidor, de trabalho em grupo, de agir com ética.

Outro projeto interessante é o “Vida Saudável na Melhor Idade”, desenvolvido sob a coordenação da professora Maria Elizabete. Esse projeto trabalhou, durante o ano de 2011, com um grupo de idosos, desenvolvendo atividades lúdicas, com a inserção de conhecimentos sobre a realidade social e a qualidade de vida em seu cotidiano. Foram feitas atividades de educação física, letramento do idoso e oficinas de artesanato, como a confecção de bonecas e “porta-trecos” a partir da reciclagem de materiais.

Além desses, outros projetos também merecem destaque. “Queremos agradecer pelo empenho de todos os envolvidos e dizer que continuamos à disposição de toda a comunidade para o desenvolvimento de atividades extensionistas, incluindo aquelas de caráter voluntário”, afirmou Robeilza Oliveira, coordenadora de extensão.